

DOCENTES UNIVERSITÁRIAS E O CUIDADO COMO ATRIBUIÇÃO FEMININA: CONSEQUÊNCIAS DO *HOME OFFICE*

Stephane Mattos Meireles¹

Maria Eduarda da Silva Pena²

Resumo: Este trabalho trata-se de um relato de experiência sobre uma pesquisa que está sendo realizada com um grupo de mulheres docentes de universidades públicas brasileiras. O objetivo geral é conhecer e analisar o processo de trabalho, organizado e gerido sob a modalidade do *home office*, em suas relações com a desigualdade de gênero na divisão do trabalho, e compreender os seus efeitos na saúde mental das professoras das universidades públicas brasileiras. É um estudo de caráter qualitativo e exploratório, realizado através de revisão teórico-bibliográfica, pesquisa documental e entrevistas com as docentes que estão trabalhando em *home office* neste período de pandemia do COVID-19. Participaram da primeira etapa da pesquisa de campo, 448 docentes, que responderam a um formulário *online* pela plataforma do *Google Forms*, a próxima etapa consistirá na realização de entrevistas semiestruturadas. A análise inicial dos dados preliminares, demonstra como o processo de trabalho remoto neste período de pandemia tem impactado na saúde mental destas mulheres.

Palavras-chave: cuidado; saúde mental; *home office*; docentes; mulheres.

INTRODUÇÃO

Diante da pandemia do Covid-19, o Ministério da Saúde do Brasil definiu uma série de medidas a serem adotadas como forma de combate ao novo coronavírus (Agência Brasil, 2020). Para adequar-se a essas normas, muitas empresas e instituições suspenderam suas atividades ou passaram a adotar a modalidade de *home office*. E, no caso das universidades públicas, aos poucos as aulas e os trabalhos presenciais foram sendo substituídos pela nova forma de operar. Todavia, para as docentes esta nova modalidade de trabalho não é uma novidade trazida pela pandemia, parte do seu trabalho já era realizado em casa, porém, sempre foi invisível socialmente.

No entanto, este modo de trabalhar impõe diversos desafios para as profissionais docentes de universidades públicas brasileiras: quanto ao espaço físico que cada uma delas dispõe em suas casas, as demandas por produtividade que se mantiveram e, somado a isso, acrescenta-se às atividades domésticas e cuidados com a família que, tradicionalmente no modelo de sociedade patriarcal em que vivemos, são tarefas designadas às mulheres. Observa-

¹ Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense - Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (UFF/ESR).

² Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense - Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (UFF/ESR).

se, portanto, uma mudança na rotina de trabalho anterior das docentes, o que acaba impactando diretamente em suas produções acadêmicas.

Marx (1988), dizia que na sociedade patriarcal que vivemos, o trabalho doméstico realizado pelas mulheres é menosprezado, por não ser remunerado, pois no capitalismo o valor do trabalho está diretamente ligado ao valor de troca e não ao valor de uso. Essa relação entre capital e patriarcado também era relatada por Engels, que em 1884 publicou sua obra “A origem da família, da propriedade privada e do estado”, em que abordava que o sistema patriarcal associado ao capitalismo que dominava, explorava e oprimia as mulheres, e isso de certa forma permanece até os dias atuais.

Deste modo, verificamos uma intensificação do trabalho dessas docentes nessa nova modalidade, que é o *home office*. São exigidas respostas às mais diversas e diferentes demandas (do trabalho, da casa, da família) que pode, por consequência, acabar gerando o adoecimento psíquico. A sobrecarga de trabalhos e atividades afeta diretamente a vida profissional dessas mulheres, tendo em vista que, como aponta a literatura, o conflito trabalho-família atinge de forma muito mais intensa às mulheres, principalmente aquelas que são mães (LEMOS; BARBOSA; MONZATO, 2020).

Sendo assim, nota-se uma queda nas produções acadêmicas e científicas das mulheres pesquisadoras após a implementação das medidas de isolamento e distanciamento social, de acordo com os dados da Revista de Ciências Sociais do IESP-UERJ (CANDIDO; CAMPOS, 2020), assinalando, por conseguinte, as desigualdades existentes entre homens e mulheres na contemporaneidade. Ademais, essas questões apontam para os efeitos nocivos das múltiplas jornadas de trabalho, em que as mulheres precisam conciliar o trabalho produtivo (remunerado) com o reprodutivo (não remunerado), que já vinham sendo denunciadas desde a década de 70 pelos movimentos feministas.

Vale salientar que essas sobrecargas mentais afetam todas as mulheres, com ou sem filhos, solteiras ou casadas, pelo fato das atividades relacionadas ao cuidado serem atribuídas às mulheres e naturalizadas como constitutivas e exclusivas da condição feminina. Nas palavras de Castro e Chaguri (2020):

Ao sermos socialmente produzidas para nos preocuparmos com pai e mãe, amigos e amigas, sobrinhos e sobrinhas, também nos dedicamos a pensar em regras e normas de quarentena acadêmicas que sejam sensíveis à heterogeneidade de situações de nossos/as colegas e estudantes. (...) E à carga mental do cuidado com a família e afins adiciona-se a do cuidado com o/a outro/a no espaço de trabalho.

Posto isto, este trabalho visa relatar as experiências já vivenciadas pelas autoras na pesquisa intitulada “*Home office* em tempos de pandemia: um estudo sobre a saúde mental em mulheres docentes de universidades públicas brasileiras”, que se encontra em andamento. A pesquisa foi inicialmente pensada por uma docente¹ e duas mestrandas² que já realizavam estudos anteriores sobre as relações do trabalho com a saúde mental dos trabalhadores e trabalhadoras, e posteriormente, foram convidadas quatro graduandas³, sendo duas autoras deste trabalho, que também estavam realizando estudos sobre a temática da saúde mental no contexto da pandemia de COVID-19.

Diante dos fatos supracitados, entendemos como essencial a realização de discussões e estudos sobre tais questões, a fim de que seja possível garantir os direitos fundamentais para todas as trabalhadoras brasileiras. A pesquisa se propõe, portanto, a investigar como o novo modelo de trabalho durante a pandemia do COVID-19 tem impactado na saúde mental destas mulheres. Objetiva-se, ainda, conhecer e analisar o processo de trabalho, organizado e gerido sob a modalidade do *home office*, em suas relações com a desigualdade de gênero na divisão do trabalho, identificar a percepção das trabalhadoras docentes sobre esta forma de trabalho, bem como sobre a ligação entre o trabalho e o adoecimento psíquico, e contribuir para proposição de estratégias que visam a promoção da saúde mental das mulheres no trabalho docente.

METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência de pesquisa, que visa relatar as experiências já vivências pelas autoras até o momento. A pesquisa em si consiste em um estudo qualitativo e exploratório, mas que não deixa de utilizar os dados quantitativos importantes, que estejam disponíveis. E, está sendo realizada através de revisão teórico-bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo com as docentes que estão trabalhando em *home office* neste período de pandemia.

Para a revisão teórico-bibliográfica foram utilizadas obras, teses, artigos e publicações que abordavam o tema que é objeto da nossa pesquisa. Foram consideradas produções sobre Gênero, Saúde Relacionada ao Trabalho, Saúde Mental Relacionada ao Trabalho e referências que tratam dos impactos da pandemia na vida das trabalhadoras. O objetivo dessa busca por referências, consistiu em entender como tem sido organizado os processos de trabalho nesta modalidade. Esta pesquisa documental, também abarca fontes como: leis, resoluções e portarias, que abordam as atuais estratégias de gestão e organização do trabalho.

A pesquisa de campo é composta por duas etapas: a primeira consistiu em um formulário *online* disponibilizado através da plataforma do *Google Forms* que privilegiou o levantamento dos seguintes dados: sociodemográficos, sobre a organização do trabalho e jornada de trabalho e sobre as condições de trabalho, de saúde e percepção sobre trabalho/saúde. Já a segunda fonte de dados será proveniente de uma entrevista semiestruturada, com a finalidade de possibilitar um aprofundamento acerca da visão e das experiências das docentes que estão trabalhando em *home office* neste período de pandemia, através de seus relatos.

Além disso, as entrevistas, que é a etapa que está em curso, também serão realizadas de forma *online*, através das ferramentas como *Skype*, *Zoom* e *Google Meet*. E, por acreditarmos que não será possível realizar a entrevista com todas as docentes, tendo em vista que nossa amostra abrange todo o território nacional, elegemos 10% das mulheres que responderam ao formulário.

A apresentação da pesquisa, assim como, o convite às trabalhadoras para participarem da pesquisa, se deu por meio das redes sociais como *Instagram*, *Facebook*, por aplicativos de mensagem (*Whatsapp*) e por e-mail. Além disso, as participantes iniciais da pesquisa serviram de “informantes-chave” para divulgarem a pesquisa para demais docentes. Assim, conseguimos alcançar a saturação dos dados e o nosso objetivo em relação a inclusão, para que se constituísse um grupo representativo, considerando o perfil etário, sexo, cor/raça, orientação sexual, gênero.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

De acordo com o que foi falado anteriormente, é importante colocar em discussão neste relato de experiência os resultados preliminares da pesquisa obtidos através do *Google Forms*, que demonstram o quanto as mulheres docentes de universidades públicas têm enfrentado diversos desafios neste período de pandemia, como já mencionado.

Nessa primeira etapa da pesquisa, que foram feitas perguntas com foco na saúde mental das docentes, obtivemos um total de 449 respostas de mulheres de todo o Brasil. Com essas informações, conseguimos tirar conclusões sobre alguns desafios que essas mulheres passam. Um dos dados mais alarmantes é que 48%, sendo 215 mulheres, não possuem rede de apoio alguma, o que faz com que a sobrecarga seja ainda mais intensa para essas mulheres, levando a dupla ou tripla jornada de trabalho, como ilustra o gráfico a seguir:

Sim	234
Não	215
Total	449

Tabela 1: Você possui uma rede de apoio nos cuidados e trabalhos domésticos e familiares?

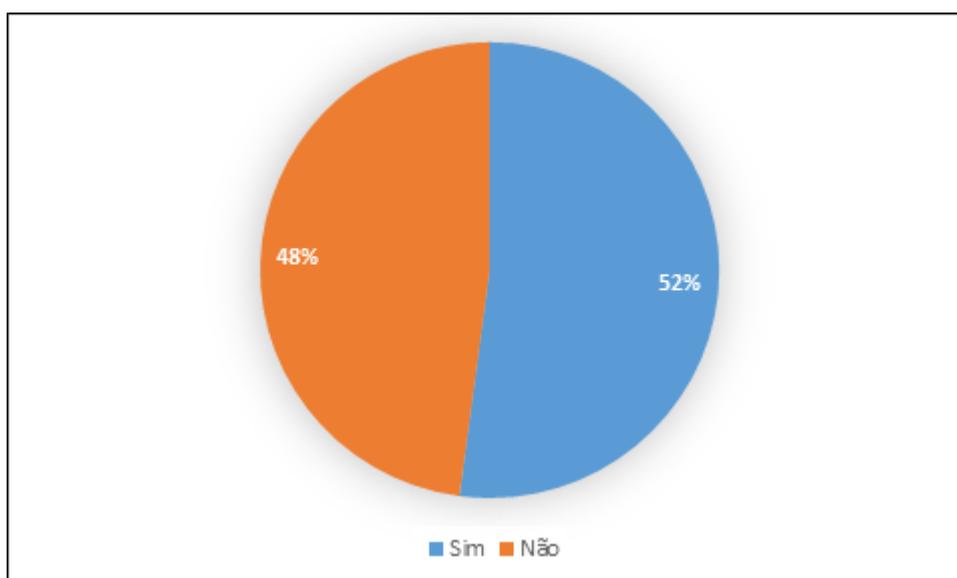


Gráfico 1: Você possui uma rede de apoio nos cuidados e trabalhos domésticos e familiares?

Dessarte, é possível dizer que na maioria das vezes, o cuidado é delegado à mulher, tanto o cuidado com a casa, como com os filhos (quando os possuem), o que também foi ratificado nesta etapa da pesquisa, em que os dados mostraram que 55%, sendo 247 mulheres que responderam o formulário, cuidam de outros membros da família (além dos filhos) nesse período de pandemia, como mostra o gráfico a seguir:

Sim	247
Não	202
Total	449

Tabela 2: Você cuida de outros membros da família (que não filhos) durante a pandemia?

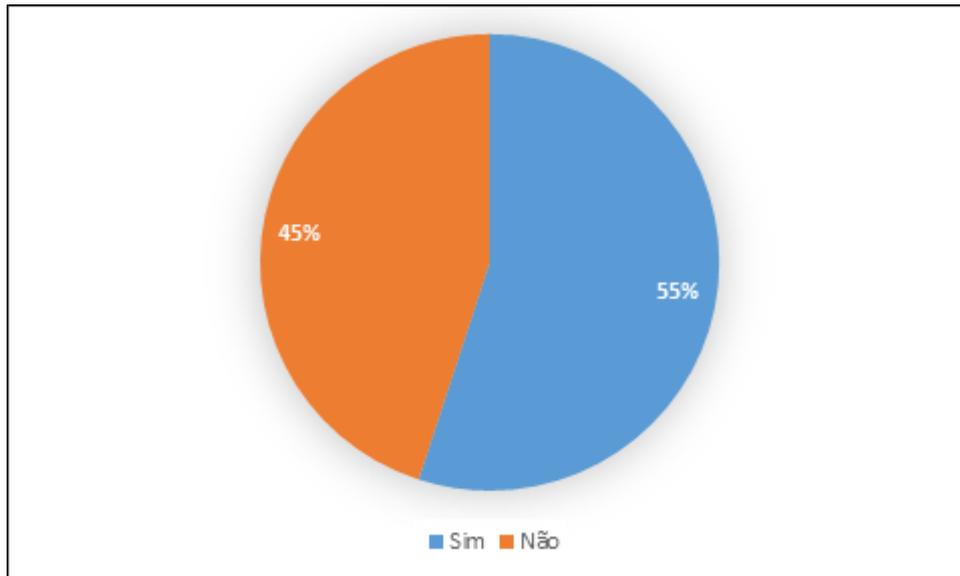


Gráfico 2: Você cuida de outros membros da família (que não filhos) durante a pandemia?

Insta salientar que esse relato de experiência visa instigar a crítica, através de dados colhidos e demonstrados aqui, no modelo de sociedade que vivemos atualmente, a divisão sexual do trabalho, e principalmente colocando em foco o quanto as docentes de universidades públicas estão adoecendo psiquicamente com esse novo modelo de trabalho (*home office*) diante da pandemia do Covid-19.

Sendo assim, consideramos de suma importância a promoção de estudos e debates sobre essa temática, para que as docentes não sejam invisibilizadas, mostrando os desafios que as mesmas sofrem e o quanto elas também precisam de cuidados. Nesse sentido, faz-se necessário um olhar da psicologia, em interface com diferentes áreas, para essas questões, e é o que essa pesquisa propõe.

CONCLUSÃO

Levando em consideração os aspectos supracitados, pode-se aferir que a nossa entrada na pesquisa, enquanto discentes de universidade pública e enquanto mulheres, ajudou a suscitar questionamentos e relembrar diversos aspectos que perpassam o nosso cotidiano. Principalmente se tratando do modo como em alguns momentos as mulheres (e aqui, em particular, as docentes de universidades públicas) são invisibilizadas diante de seu trabalho.

Outrossim, cabe ressaltar que nossas vivências nos possibilitaram obter um novo olhar para a divisão sexual do trabalho. A partir da nossa pesquisa, pudemos observar o quanto a sobrecarga pode interferir na saúde mental das mulheres, e essa sobrecarga só existe, pois, a

mesmas, a todo momento, precisam se reafirmar enquanto profissionais para se legitimarem nos espaços em que ocupam.

Dessarte, a tripla jornada de trabalho (demandas da casa, dos filhos – quando possuem -, do trabalho e no caso das docentes, da produção que é atrelada à academia) que é atribuída às mulheres, corrobora para o seu adoecimento psíquico, principalmente quando essas mulheres não possuem redes de apoio. Consoante a isso, também soma-se o fato de que a mulher não é reconhecida por desempenhar papéis “do lar”, pois na sociedade de modo geral, essas atividades são de obrigação da mulher, conceito esse advindo de uma sociedade patriarcal e machista, que ainda necessita ser mudada.

Analogamente, essa pesquisa nos ajuda enquanto futuras profissionais de psicologia a enxergar a nossa sociedade com um olhar mais crítico e sensível para essas mulheres, diante de tudo que elas passam. Além disso, é de suma importância para nós, entender que há valores, tradições e concepções que moldam toda a sociedade desde os primórdios, e que alguns desses valores (o machismo, principalmente), afetam diretamente a vida das mulheres, tornando o sofrimento das mesmas ainda maior.

Mediante o exposto, tudo que está sendo vivenciado nessa pesquisa nos impacta de alguma maneira, tanto na vida acadêmica, como também a pessoal. É importante estar sempre de olhos atentos para o que nos rodeia e a nossa pesquisa possibilitou ter esse olhar. No mais, nós esperamos que com essa pesquisa possamos contribuir para diminuir as desigualdades, possibilitando que essas mulheres tenham voz e saibam que não estão sozinhas.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Marcia Rangel; CAMPOS, Luiz Augusto. Pandemia reduz submissões de artigos acadêmicos assinados por mulheres. **Blog DADOS**, 2020. Publicado em 14 de maio de 2020. Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-reduz-submissoes-demulheres/>. Acesso em: 16 de out. de 2021.

CASTRO, Bárbara; CHAGURI, Marina. Um tempo só para si: gênero, pandemia e uma política científica feminista. **Blog DADOS**, 2020. Publicado em 22 de maio de 2020. Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-cientifica-feminista/>. Acesso em: 16 de out. de 2021.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. n. 2. São Paulo: Editora Escala, 2012. 192 p. (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal)

LEMONS, Ana Helóisa da Costa; BARBOSA, Alane de Oliveira; MONZATO, Priscila Pinheiro. Mulheres em home office durante a pandemia da covid-19 e as configurações do

conflito trabalho-família. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 60, n. 6, p. 388-399, dez. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/9WS6pYzLdhWY6qWwDXTKTsN/?lang=pt>. Acesso em: 15 de out. de 2021.

MARX, Karl. O Capital: crítica à economia política. In: MARX, Karl. O Capital: crítica à economia política. **São Paulo: Nova Cultura**, 1988. Cap. 5. p. 142-158. Tradução de: Regis Barbosa e Flávio R. Kothe.

VALENTE, Jonas. Covid-19: Veja como cada estado determina o distanciamento social. **Agência Brasil**, Brasília, 01 de abr. de 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-04/covid-19-veja-como-cada-estado-determina-o-distanciamento-social>. Acesso em: 15 de out. de 2021.